

Escola Básica de 2º e 3º Ciclos José Maria dos Santos
Pinhal Novo

O Segredo do Nosso Insucesso

Professor Jorge Pires
(Subcoordenador do Departamento de Línguas)

Na sequência da solicitação do presidente do conselho geral, na última reunião de conselho pedagógico, sobre o que fazem os professores da nossa escola para atingir níveis de sucesso nas suas disciplinas, tenho a declarar o seguinte na condição de professor subcoordenador do departamento de línguas:

O processo de ensino/aprendizagem da escola pública em Portugal ao nível do primeiro, segundo e terceiro ciclos assenta, quase na sua totalidade, numa prática pedagógica quotidiana de sala de aula em que a singularidade do mesmo e os resultados obtidos dependem exclusivamente do fator humano envolvido - isto é, dos alunos, professores, encarregados de educação, auxiliares de ação educativa e comunidade em que os respetivos estabelecimentos de ensino se inserem.

A escola José Maria dos Santos, na vila de Pinhal Novo, não foge, obviamente, a essa regra. Os protagonistas daquele a que chamamos 'o nosso' processo de ensino/aprendizagem são alunos provenientes de uma boa parte do concelho de Palmela, que iniciaram o seu percurso académico nos jardins-de-infância e escolas de primeiro ciclo da vila e dos arredores, predominantemente rurais.

A nossa escola possui um corpo docente estável, experiente, porém algo envelhecido e, como tal, pouco flexível.

As famílias da esmagadora maioria dos alunos possuem habilitações de ensino básico.

Uma boa parte do pessoal auxiliar não é fixo.

Neste contexto (que não pode ser ignorado, uma vez que é nele que reside o fator humano que vai influenciar marcadamente todo o processo), as disciplinas de língua estrangeira - o espanhol, o francês e, em particular, o inglês - surgem enquadradas num currículo deveras abrangente que contempla áreas de saber díspares e que apela, em primeiro lugar, ao desenvolvimento das capacidades cognitivas dos nossos alunos, entre outras que assumem quase sempre uma importância menor.

A aprendizagem de uma língua estrangeira como o inglês, que é a primeira opção de escolha de língua estrangeira para mais de noventa por cento dos alunos do parque escolar nacional, deverá constituir, por si só, para um aprendente que valorize a sua formação académica, um elemento motivacional sólido e, em muitos casos, fulcral.

Afinal de contas, o inglês é o idioma dominante ao nível das relações internacionais - sociais, comerciais e diplomáticas, enumerando apenas as mais significativas - e também, por exemplo, ao nível das novas tecnologias.

Não é à toa, aliás, que no nosso país existe já a possibilidade de certificação na proficiência do inglês por intermédio da universidade de Cambridge, a instituição mais respeitável e reconhecida nesse domínio a nível mundial.

Esta possibilidade, ao contrário do que o sindicalismo assanhado de esquerda alega, representa uma mais-valia para a percentagem de alunos portugueses que aspira obter um reconhecimento válido e internacionalmente aceite no uso e usufruto da língua inglesa.

Os professores que constituem o subdepartamento de línguas da nossa escola possuem habilitação superior oficial reconhecida não só pelo ministério da educação - para lecionar primeiro, segundo e terceiro ciclos - como, nalguns casos, certificação internacional da universidade de Cambridge.

Na sua prática pedagógica quotidiana, os professores de língua estrangeira da nossa escola adotam metodologias de trabalho que consagram as quatro competências linguísticas - ouvir/falar/ler/escrever - de modo equilibrado e democraticamente acessível a todos os interessados na aquisição e promoção de competências de comunicação.

No dia-a-dia em sala de aula, esses professores fazem uso do seu *know how*: não só ensinam conteúdos programáticos, como orientam, ajudam e educam, estando, regra geral, presentes e disponíveis no seu horário letivo e, por vezes, dele.

Fazem-no explorando os recursos didáticos ao seu dispor: os materiais de aquisição obrigatória - o caderno diário, o material do estojo, os manuais escolares e os materiais que regra geral os acompanham -, e ainda o computador, o quadro interativo, os leitores de CD e de mp3, e outros, de sua autoria.

Fora da sala de aula, no âmbito da aprendizagem das línguas estrangeiras, a nossa escola disponibiliza:

- Uma biblioteca apetrechada com variadas ferramentas didáticas, material de consulta diverso e acesso controlado a conteúdos *online*;
- Uma sala de estudo com docentes em permanência e com um conjunto de recursos linguísticos que permitem aos alunos desenvolver trabalho autónomo, complementando a prática da sala de aula.

As orientações subjacentes ao trabalho que os professores das línguas estrangeiras desenvolvem são, neste momento, os conteúdos programáticos e as metas curriculares estabelecidas para cada ano e cada ciclo escolar.

Os mesmos professores, por sua iniciativa, elaboram planos anuais de atividades. O público-alvo dessas atividades - que consagram referências culturais e linguísticas dos três idiomas estrangeiros lecionados - é, em primeira e última instância, o nosso universo estudantil.

A partir de certa altura, por um qualquer imperativo que se me afigura isento de qualquer validade pedagógica e, por isso mesmo, de todo incompreensível, institucionalizou-se na nossa escola a prática política de se estabelecerem valores percentuais limites para o insucesso em cada disciplina.

Na minha opinião, o insucesso, seja ele de que tipo for, não se limita com números escritos em papel. Não de um modo honesto. Não por quem assume uma linha de responsabilidade e de integridade no desempenho da função que exerce.

O sucesso, esse sim, constrói-se - independentemente de valores que se estabeleçam de modo aleatório só porque, no papel, aparentam algum nível de suposta razoabilidade.

Em parte, o sucesso constrói-se com tudo o que enunciei antes. O que sobra dessa construção, a parte de leão da obra, tem que ser levada a cabo pelos alunos e pelas suas famílias.

Com empenho e trabalho. Com esforço, se necessário.

E, acima de tudo, com vontade e com gosto.

Quando os alunos são sinalizados com comprovadas dificuldades de aprendizagem, na medida daquilo que o nosso contexto educativo permite, são alvo de tratamento diferenciado, com medidas pedagógicas que contemplam as suas dificuldades em situação de aprendizagem e ao nível dos instrumentos de avaliação aplicados.

No que respeita à língua inglesa, por exemplo, existem ainda apoios educativos individuais e em ambiente de pequeno grupo.

No contexto educativo da comunidade em que a nossa escola se insere, a questão do sucesso/insucesso no processo de ensino/aprendizagem - e, em particular, na aprendizagem de uma língua estrangeira como o inglês - não pode ser analisada de modo descontextualizado.

A consequência lógica da escassa valorização que uma elevada percentagem dos seus principais intervenientes - os alunos e as suas famílias - atribuem ao percurso académico daqueles resulta, muitas vezes, num nível de insucesso que só espantará quem desconheça o tecido social dominante da comunidade em que a escola se insere. Ou então porque não está envolvido de modo isento no processo.

Quem questiona o insucesso sem o contextualizar tem, regra geral, uma motivação própria, tendenciosa, na questão. É incapaz ou não quer analisá-lo de modo neutro. Ou fá-lo por um imperativo político. Ou então não tem nada de mais produtivo com que ocupar o seu tempo.

Quem é célere a questionar o insucesso e as suas causas poderia, do alto da sua sapiência, ser igualmente ligeiro a questionar o sucesso e as suas causas.

É que, valendo o que valem, ambos os fenómenos são legitimamente questionáveis.

Porém, ninguém parece disposto a questionar o sucesso.

Curioso, não é? Porque será?

Considerando o país que aparentemente temos e as pessoas que somos, dispostas muitas vezes a criticar e a apontar o dedo a tudo e a todos que nos rodeiam, não faria mais sentido, de vez em quando, só para variar um pouco, questionarmos o sucesso do modo ávido com que questionamos o insucesso?

Fica a sugestão para matéria de reflexão.

Mas, nessa linha, surge no questionado a tendência óbvia, quase instintiva, de questionar quem o questiona.

Daí que deva ser encarada como natural a minha curiosidade, e de outros professores do departamento, em saber qual o contributo do conselho geral para a promoção do sucesso dos alunos da nossa comunidade educativa.

E, em jeito de complemento, que destino válido, útil e consequente pretende o conselho geral dar à informação que recolherá dos departamentos disciplinares a propósito deste assunto?

Aguardo com expetativa uma resposta cabal a estas inquirições.

Sem mais, subscrevo-me.

Professor Jorge Pires

Pinhal Novo, maio de 2015

